

PONTIFÍCIO ATENEU SANTO ANSELMO
Faculdade de Teologia
INSTITUTO SÃO PAULO DE ESTUDOS SUPERIORES

LIVRO DO PROFETA SOFONIAS

Domingos Almeida
Gardy Denis
Isaac Ouma
Maximilien Myrthil
Michael Kwabi Opoku
Yulles Moraes Da Vitória

LITERATURA PROFÉTICA

Prof. Dr. Shigeyuki Nakanose

São Paulo, 2025

Introdução

Ao ler o livro do Profeta Sofonias ou qualquer livro na bíblia é sempre importante de interpretar o texto à luz das realidades sociais, políticas, moral e econômicas para entender melhor a mensagem que tem atrás daquilo que aconteceu. Em caso do livro Sofonias precisamos saber quem é Sofonias, entender o contexto histórico, para compreender com quem estava falando e com quem dedicou a sua mensagem.

Sofonias é um dos doze profeta menores, entre eles Naum e Habacuc que os textos deles foram considerados pré-exílico mas Sofonias não aparece muito no Antigo testamento, e no Novo Testamento apareceu em (Mt 13, 41). Ele profetizou em um período de grande crise em Judá quando Israel foi caído nas mãos dos assírios em 722 a.C. O livro do Sofonias tem 3 capítulos mas a mensagem central concentrada no capítulo 3, que fala sobre o "Dia do Senhor", uma expressão que abrange julgamento divino e salvação e denuncia a corrupção moral, a idolatria e a injustiça social em Judá.

Assim, Sofonias continua sendo um exemplo pelo seu caminho profético e pela sua originalidade. Isto é, mesmo que ele tenha se inspirado por Jeremias e Ezequiel, mas ele permanece ele mesmo na denúncia dos atos injustos que estavam acontecendo. Por esta razão, podemos dizer que Sofonias viveu antes, durante e depois do período do exílio.

1- Quem é Sofonias

O nome do profeta Sofonias, em hebraico Tzefanyáh, significa "O Senhor preserva" ou "O Senhor esconde", no mesmo sentido em que aparece no Salmo 27,5: "Pois ele me esconderá em sua tenda no dia da desgraça." Essa nuance semântica ressalta uma das dimensões teológicas centrais de sua mensagem: a proteção divina em tempos de juízo.

No título do livro que lhe é atribuído — redigido provavelmente por redatores pós-exílicos — é apresentada uma genealogia incomum para a literatura profética, que remonta até o seu tataravô. Em Sofonias 1,1 lemos: "Palavra do Senhor que veio a Sofonias, filho de Cusi, filho de Gedalias, filho de Amarias, filho de Ezequias, no tempo de Josias, filho de Amom, rei de Judá." Essa menção a quatro gerações anteriores é rara no corpus profético e carrega possíveis implicações históricas e teológicas.

Os nomes de seus antepassados — Gedalias, Amarias e Ezequias — são teofóricos, compostos pelo sufixo "-ias", uma forma abreviada do nome Javé (YHWH), o que reforça a ideia de uma linhagem fiel à tradição javista. Alguns estudiosos sugerem que o profeta teria ascendência régia, sendo possivelmente descendente do rei Ezequias de Judá (reinou entre 725 e 696 a.C.). No entanto, tal hipótese carece de base sólida. Primeiramente, a versão siríaca do texto traz o nome "Elequias" em vez de "Ezequias", o que indica uma possível divergência textual. Além disso, o nome Ezequias era relativamente comum naquele período, enfraquecendo a tentativa de identificar uma relação direta com o monarca.

Diante da ausência de evidências mais consistentes, torna-se prudente descartar a hipótese de parentesco com a casa real davídica, buscando outra explicação para a ênfase incomum na genealogia. Uma possível chave interpretativa está na própria identidade do pai do profeta: Cusi. O termo hebraico Kûshî pode ser entendido de duas formas. Primeiramente, pode se referir a um indivíduo de nome pessoal Kushi. Em segundo lugar — e de forma mais plausível — pode indicar uma origem geográfica ou étnica vinculada à região de Cuch (ou Cuxe), localizada ao sul do Egito, correspondente ao atual Sudão.

O termo kûshî, como substantivo étnico, aparece em poucos textos bíblicos, como em Sofonias 1,1 e Jeremias 36,14, sugerindo uma possível ascendência africana do profeta. Caso essa interpretação esteja correta, Sofonias proviria dos territórios que faziam parte do antigo Império Egípcio, o que explicaria a necessidade de apresentar sua genealogia de forma detalhada. Isso poderia estar em consonância com a orientação de Deuteronômio 23,8-9, segundo a qual, na terceira geração, os descendentes de egípcios e edomitas poderiam ser admitidos na assembleia do Senhor (qahal YHWH).

Dessa forma, a menção à genealogia, além de destacar sua herança javista, também pode ter como função afirmar a legitimidade do profeta enquanto receptor da Palavra divina, dissipando qualquer dúvida quanto à sua dignidade ou origem. A ênfase na linhagem serviria, portanto, para reforçar sua autoridade profética diante de possíveis tensões sociais ou étnicas de seu tempo.

2- A realidade do Profeta de Sofonias

O profeta Sofonias atuou durante o reinado do rei Josias de Judá (640–609 a.C.), conforme indicado no cabeçalho do livro que leva seu nome: “Palavra do Senhor que veio a Sofonias [...] nos dias de Josias, filho de Amom, rei de Judá” (Sf 1,1). No entanto, como seus oráculos não mencionam explicitamente as reformas religiosas promovidas por Josias que ocorreram por volta de 622 a.C. (cf. 2Rs 22–23) muitos estudiosos situam sua atividade profética em um período anterior, entre 630 e 625 a.C. Nesse tempo, Josias ainda era menor de idade e o governo efetivo de Judá estava nas mãos de tutores ou regentes.

O período em que Sofonias exerceu seu ministério foi profundamente marcado pela dominação do Império Assírio sobre Judá. A Assíria, grande potência da época, havia destruído o Reino do Norte (Israel) em 722 a.C., após o rei Oseias recusar-se a continuar pagando tributos e tentar uma aliança com o Egito (2Rs 17,3-4). O rei assírio Salmanasar V sitiou Samaria por três anos, conquistando-a e deportando cerca de 30 mil israelitas (2Rs 17,5-6). Assim, o Reino do Norte foi completamente anexado ao império, deixando Judá isolado, mas também vulnerável às influências políticas e religiosas estrangeiras.

A queda de Israel provocou uma grande migração de refugiados para o Reino do Sul, especialmente para Jerusalém. A cidade, que antes tinha cerca de 5 mil habitantes, triplicou sua população, chegando a aproximadamente 15 mil. Novos bairros surgiram, como o Mactes (Sf 1,10-11), onde viviam comerciantes e artesãos, e Misné (2Rs 22,14), onde se instalou a elite urbana. Esse crescimento populacional também se refletiu em cidades ao sul de Judá, como Laquis e Berseba. Junto ao crescimento urbano, ocorreu também um período de prosperidade econômica, graças à integração de Judá às rotas comerciais do Império Assírio e do mundo árabe. A arqueologia revela aumento na produção de cerâmica, construção de grandes casas e túmulos luxuosos, uso de selos reais e presença de vasos marcados com a inscrição "lamelech" (“para o rei”), indicando a organização tributária. Segundo o estudioso Hans Ulrich Kaefer, esse crescimento teve início sob Acáz, foi interrompido por guerras no reinado de Ezequias, mas se intensificou sob Manassés, atingindo um auge que perduraria até o início das reformas de Josias .

No entanto, essa prosperidade trouxe consigo profundas distorções sociais e religiosas. A elite enriquecida adotava costumes estrangeiros, influenciada pela cultura assíria. O próprio templo de

Javé foi contaminado por práticas idólatras, com a instalação de imagens de outros deuses e objetos dedicados ao culto astrológico (2Rs 23,11-12). Havia adoração a Baal, ao deus assírio Assur, à deusa-mãe Rainha do Céu (cf. Jr 7,18), a Milcom e outros ídolos. Além disso, multiplicaram-se adivinhos, feiticeiros e práticas mágicas, frequentemente toleradas ou até incentivadas pelas lideranças políticas. Os principais alvos da crítica de Sofonias são justamente os membros da aristocracia e os líderes políticos, descritos como "príncipes" que vestem roupas estrangeiras (Sf 1,8), juízes que são como lobos famintos (Sf 3,3), e mercadores que se enriquecem às custas dos mais pobres. O profeta denuncia a corrupção, a violência e a opressão presentes na cidade: "Naquele tempo, esquadrinharei Jerusalém com lanternas e castigarei os homens que repousam tranquilos como vinho sobre a borra" (Sf 1,12).

O povo simples camponeses e artesãos sofria com a pesada carga tributária imposta para sustentar o luxo da elite. A desigualdade social tornou-se gritante, gerando um ambiente de opressão que o profeta Sofonias denuncia com veemência. O culto a Javé havia se tornado superficial, convivendo com práticas idolátricas e injustiças sociais. Apesar do tom severo de suas advertências, Sofonias também aponta para uma possibilidade de renovação espiritual e social. Seu anúncio do "Dia do Senhor" (Sf 1,14-18) não é apenas uma ameaça de juízo, mas também um chamado à conversão: "Buscai o Senhor, todos os humildes da terra [...] talvez sejais poupados no dia da ira do Senhor" (Sf 2,3). Ele sonha com uma purificação do povo e com a formação de um "resto de Israel", humilde e fiel (Sf 3,12-13).

Esse contexto de profunda crise social, espiritual e política denunciado por Sofonias prepara o terreno para uma mudança concreta que começa a se delinear com o amadurecimento do rei Josias. Ao atingir a maioridade, Josias promove uma ampla reforma religiosa (2Rs 23,1-25). Centraliza o culto no templo de Jerusalém, elimina os altares idolátricos inclusive aqueles dentro do próprio templo, destrói objetos de adoração aos astros e reorganiza festividades tradicionais como a Páscoa. Seu projeto era tanto religioso quanto político: romper com a influência assíria e restaurar a identidade nacional de Judá. Diante dessa realidade de exploração, injustiça e idolatria, os oráculos de denúncia e condenação de Sofonias revelam-se como uma crítica profunda às estruturas dominantes. Ao mesmo tempo, expressam a esperança de uma restauração sociorreligiosa. Seu discurso aponta para uma ruptura necessária com o poder político,

econômico e religioso imposto pelo Império Assírio, e encontra eco na reforma promovida por Josias, que começa a concretizar esse ideal de um povo purificado, fiel e livre da opressão .

A conjuntura internacional favorecia essa tentativa. Após a morte de Assurbanipal, último grande rei da Assíria (699–627 a.C.), o império entrou em declínio, enfraquecido por conflitos internos e pelas investidas de povos do norte (cf. Jr 1,13-14). A Babilônia, sob Nabopolassar, conquistou Nínive em 612 a.C. (cf. Na 3–4), pondo fim ao domínio assírio. Nesse vácuo de poder, Egito e Babilônia disputavam o controle da região. Foi nesse cenário que Josias tentou expandir Judá e evitar o avanço egípcio. Contudo, foi morto na batalha de Meguido, em 609 a.C. (2Rs 23,29-30), quando tentou interceptar o faraó Neco II. Com sua morte, ruíram também os sonhos de renovação e independência de Judá. O país voltou à instabilidade, e os ideais proféticos de Sofonias permaneceram como um eco de denúncia e esperança para gerações futuras.

Em conclusão, o profeta Sofonias exerceu seu ministério em um contexto de grande crise social, religiosa e política em Judá, marcado pela dominação assíria e pela corrupção das lideranças locais. Suas denúncias contra a idolatria, a injustiça e a exploração da elite refletem uma sociedade profundamente afetada pela opressão e pela superficialidade religiosa. Contudo, sua mensagem não se limita à condenação, pois também traz uma visão de esperança, anunciando a possibilidade de renovação espiritual e social através do arrependimento e da fidelidade a Deus. Os ideais de Sofonias encontram eco nas reformas de Josias, que tentaram restaurar a identidade nacional e religiosa de Judá. Assim, seu legado continua a ser um chamado à conversão e à busca por justiça, renovando a esperança de um povo purificado e fiel.

3- Mensagem do Profeta Sofonias.

O livro do profeta Sofonias, ainda que breve, apresenta uma mensagem poderosa e profundamente atual. Escrita num contexto de crise social, corrupção religiosa e injustiça institucionalizada, sua profecia é marcada por um duplo movimento: denúncia e esperança. Por meio da imagem do “Dia do Senhor”, Sofonias anuncia o juízo divino como uma resposta à infidelidade de um povo que abandonou a justiça e se afastou da aliança com Javé. No entanto, esse juízo não é apenas punição, mas um chamado à conversão, à humildade e à reconstrução de uma nova sociedade a partir dos pequenos, dos pobres e dos fiéis. Nesta reflexão, exploramos três

eixos centrais de sua mensagem: o juízo como denúncia da injustiça, o apelo à conversão e à humildade, e a valorização do “povo da terra” como semente de renovação.

1. O Dia do Senhor: Juízo como denúncia da injustiça

Uma das mensagens centrais do livro do profeta Sofonias é o anúncio do “Dia do Senhor” (Sf 1,14–18). Esse dia não é simplesmente um castigo para indivíduos isolados, mas sim um julgamento contra toda uma sociedade corrompida. Sofonias denuncia com firmeza os líderes políticos, religiosos e econômicos de Jerusalém, porque eles exploram os pobres, sustentam um sistema de mentira, ganância e violência (Sf 3,1-4), como explicam Solano Rossi e Mauri (2022).

O juízo de Deus, segundo Sofonias, não é arbitrário nem vingativo. Ele acontece porque o povo rompeu a aliança com Deus ao abandonar a justiça e a solidariedade. A idolatria seja por meio do sincretismo religioso ou da confiança cega nas riquezas revela que o povo perdeu o senso do que é certo e errado. Quando a fé se desconecta da vida, da ética e da compaixão, ela deixa de ser instrumento de libertação e passa a justificar a opressão.

Essa crítica de Sofonias se conecta com a denúncia de outro profeta, Amós, que diz:

“Ouvi isto, vós que oprimis os pobres e destruíis os humildes da terra, dizendo:

‘Quando passará a lua nova, para vendermos o grão? E o sábado, para abriremos os celeiros de trigo?’”

(Amós 8,4-5)

Assim como Amós, Sofonias mostra que a injustiça econômica e a hipocrisia religiosa caminham juntas. O povo mantém rituais religiosos, mas despreza a justiça, explora os pequenos e lucra às custas da miséria alheia.

Por isso, o anúncio do “Dia do Senhor” não deve ser visto apenas como ameaça, mas como um forte chamado à conversão. Deus não deseja simplesmente punir, mas restaurar a aliança com o povo e reconduzi-lo ao caminho da justiça, da verdade e da solidariedade. O juízo é, ao mesmo tempo, denúncia e esperança: um apelo para que a fé seja coerente com a prática e para que o culto a Deus caminhe lado a lado com o cuidado pelos pobres e a transformação da sociedade.

2. Chamado à conversão e à humildade

Diante do anúncio do juízo, o profeta Sofonias não se limita a uma mensagem de condenação apocalíptica, mas lança um convite urgente à conversão:

“Buscai o Senhor, vós todos os humildes da terra, que praticais os seus juízos” (Sf 2,3).

Esse apelo revela o coração da mensagem profética: um retorno à aliança com Deus, sustentado por três pilares fundamentais: humildade, retidão e justiça. Como afirmam Rossi e Mauri (2022), a humildade aqui não é apenas uma virtude interior ou espiritual, mas uma atitude concreta de abertura à vontade de Deus e de solidariedade ativa com os oprimidos.

A espiritualidade proposta por Sofonias é profundamente ética e social. Buscar o Senhor não significa fugir do mundo, mas assumir um estilo de vida marcado pela justiça e pela pobreza solidária. Isso significa optar por uma forma de viver que se coloca ao lado dos pequenos, que pratica a retidão nos relacionamentos e que rejeita toda forma de opressão, violência ou acumulação egoísta.

Nesse sentido, a verdadeira espiritualidade é inseparável do compromisso com os pobres. Ela denuncia uma religião alienada aquela que se contenta com rituais vazios, mas é indiferente ao sofrimento humano e propõe uma nova ética: uma vida orientada pela partilha, pela escuta da Palavra e pelo serviço ao próximo.

Sofonias nos lembra que o juízo de Deus não é destruição por si só, mas uma oportunidade de renovação profunda. A salvação não virá pelo poder, pela riqueza ou pela religiosidade de fachada, mas pela fidelidade humilde daqueles que caminham com Deus praticando a justiça. Trata-se, portanto, de uma espiritualidade engajada, onde a fé se traduz em ações concretas em favor da vida, especialmente da vida dos mais vulneráveis.

3. O povo da terra

A mensagem do profeta Sofonias sobre o “povo da terra” vai além da descrição de um grupo social específico. Trata-se de um projeto teológico e ético: a construção de uma comunidade fiel a Javé, comprometida com a justiça, a solidariedade e a simplicidade de vida.

No cenário histórico de sua época marcado por uma elite corrompida, alianças políticas injustas e práticas religiosas contaminadas pelo sincretismo Sofonias identifica o ‘am ha-arets, o povo da terra, como os humildes e pobres que confiam em Deus. Eles não são apenas os marginalizados economicamente, mas todos aqueles que, mesmo sob opressão, permanecem fiéis à aliança. São pessoas que recusam a corrupção, a idolatria e a violência estrutural, vivendo com dignidade e esperança.

Sofonias destaca esse povo em Sf 3,12-13:

“Deixarei em teu meio um povo humilde e pobre, e eles procurarão refúgio no nome do Senhor. O resto de Israel não cometerá injustiça, não mentirá, e não se encontrará fraude em sua boca. Eles pastarão e repousarão, e ninguém os assustará.”

Esse texto mostra que a esperança profética não está no poder dos grandes, nem na restauração de glórias passadas, mas na reconstrução da vida a partir dos pequenos os que escolhem a pobreza como estilo de vida, não por resignação, mas por convicção ética. Essa é uma alternativa de sociedade, baseada na verdade, na confiança em Deus e na partilha.

Essa mesma visão aparece em Isaías, ao anunciar um rei justo, inspirado pelo Espírito de Deus:

“Julgará com justiça os pobres e tomará decisões retas em favor dos humildes da terra.”

(Isaías 11,4)

Assim como Isaías, Sofonias afirma que a verdadeira justiça começa com os pobres, pois são eles que mantêm acesa a chama da fidelidade e da esperança, mesmo em meio à opressão. O resto de Israel, formado por esse povo humilde, é visto como semente de um novo começo uma comunidade onde Deus habita na simplicidade, no cuidado mútuo e na justiça vivida no cotidiano.

Portanto, a mensagem de Sofonias sobre o povo da terra é profundamente atual. Ela nos chama à conversão social, convidando-nos a deixar os caminhos da arrogância e da injustiça para trilhar, junto aos pequenos e fiéis, o caminho da esperança. Nesse caminho, a pobreza se torna sinal de confiança em Deus, e a justiça, um verdadeiro estilo de vida.

A profecia de Sofonias é, ao mesmo tempo, uma palavra de advertência e uma convocação à esperança. Em um cenário de desigualdade social, corrupção institucional e religiosidade vazia, o profeta nos lembra que o juízo de Deus se manifesta quando a justiça é traída e os pobres são esquecidos. Mas ele também anuncia que a salvação começa com os humildes, com os que vivem a fé de maneira concreta, solidária e comprometida com o bem comum.

A conversão proposta por Sofonias é profundamente social: exige abandonar a arrogância, a idolatria do poder e da riqueza, e reencontrar, no cuidado com os pequenos e na prática da justiça, o verdadeiro caminho de Deus. O “resto de Israel”, esse povo humilde e fiel, é apresentado como a base de uma nova sociedade, onde a simplicidade, a partilha e a confiança em Javé são os alicerces da vida.

Hoje, diante dos desafios do nosso tempo exclusão, desigualdade, violência e desconfiança generalizada, a mensagem de Sofonias ecoa como um apelo à construção de comunidades justas e solidárias, onde a fé não seja um discurso vazio, mas uma prática viva de misericórdia e compromisso com os últimos. Neste espírito, somos chamados a ser também “povo da terra”: testemunhas de uma fé encarnada, comprometida com a justiça e animada pela esperança

4- REDAÇÃO

O livro do profeta Sofonias, pertencente ao grupo dos Doze Profetas Menores do Antigo Testamento, é composto por apenas três capítulos, mas apresenta um conteúdo teológico e socialmente denso. Apesar de sua extensão reduzida, sua redação resulta de um processo complexo, com múltiplas camadas literárias e influências históricas distintas. Esta análise busca apresentar de forma concreta como o texto foi composto, editado e transmitido ao longo do tempo.

A autoria é atribuída a Sofonias, personagem que se identifica no versículo inicial (Sf 1,1) com uma genealogia de quatro gerações fato raro entre os livros proféticos. Esse detalhe sugere possível origem aristocrática, talvez com vínculos com a corte ou com setores do sacerdócio de Judá. O livro foi composto no contexto do reinado de Josias (640–609 a.C.), antes da reforma religiosa promovida por esse monarca. À época, Judá enfrentava uma profunda crise institucional

e religiosa, com práticas sincréticas generalizadas, corrupção entre as elites e instabilidade política, tanto interna quanto externa.

O núcleo mais antigo do livro pode ser delimitado em três blocos principais: o julgamento contra Judá (Sf 1,2–2,3), os oráculos contra as nações estrangeiras (Sf 2,4–15) e a denúncia contra Jerusalém e seus líderes (Sf 3,1–7). Esses trechos compartilham vocabulário, estilo e tom semelhantes: linguagem poética, imagens de destruição e um forte apelo ao juízo divino. A crítica textual moderna considera essas seções como derivadas de discursos orais do próprio profeta, posteriormente fixados por escrito. São, portanto, entendidas como os segmentos mais antigos e provavelmente autênticos da atuação profética de Sofonias.

Contudo, o texto não permaneceu estático. A análise literária revela inserções posteriores, especialmente em Sf 3,9–20, onde há uma mudança perceptível de tom. Nessa seção, predominam promessas de restauração, esperança e até elementos universalistas, como a adoração a Javé por outros povos. O estilo é mais elaborado e a perspectiva, positiva. Tais características sugerem que esses versículos foram compostos num contexto pós-exílico, entre os séculos VI e V a.C., após a queda de Jerusalém (587 a.C.) e o retorno de parte da população do exílio babilônico. Nesse momento histórico, temas como renovação nacional e reconfiguração da identidade religiosa ganhavam centralidade.

Além disso, o livro apresenta traços evidentes da influência deuteronomista. Essa escola de escribas, ativa especialmente durante e depois da reforma de Josias, promovia ideias como a centralização do culto em Jerusalém, a condenação da idolatria e uma teologia da retribuição baseada na obediência à aliança. Esses elementos aparecem de forma clara em diversos trechos do livro, o que sugere que redatores deuteronomistas não apenas influenciaram, mas talvez também reescreveram ou acrescentaram conteúdos, com o objetivo de alinhar o texto às suas preocupações teológicas e políticas.

A redação final do livro parece ter sido concluída entre os séculos V e IV a.C., quando os materiais antigos e os acréscimos mais recentes foram organizados de forma coerente. A estrutura final segue três grandes movimentos temáticos: julgamento contra Judá (Sf 1,2–2,3), julgamento

contra as nações (Sf 2,4–15) e esperança de restauração e salvação universal (Sf 3,9–20). Essa estrutura não segue uma cronologia linear dos acontecimentos, mas obedece a uma lógica editorial teológica, organizada com o objetivo de conduzir o leitor de uma visão de ruína para uma expectativa de renovação.

Em resumo, o livro de Sofonias é resultado de um processo redacional longo e multifacetado, que abrange diferentes fases históricas da vida em Judá. Seu núcleo mais antigo remonta ao fim do século VII a.C., mas o texto atual reflete influências posteriores especialmente do período pós-exílico e o trabalho de escolas editoriais organizadas, como a deuteronomista. O livro testemunha a evolução da tradição profética e o modo como os textos bíblicos foram reinterpretados e adaptados para responder às necessidades espirituais e sociopolíticas de cada época.

5- Estructura do livro do profeta Sofonias.

O livro do Profeta Sofonias é dividida em seções que destacam ;

- 1- 1,2-13 Oráculo de advertência e de ameaça contre Judá.
- 2- 1,14-18 o dia do Senhor
- 3- 2,1-3 exortação a umresto, são humildes.

2- Oráculos contra nações

- 1- 2, 4-15 Julgamento das nações inimigos de Judá

3-3, 1-8 Oráculo em Jerusalém

3-Promessa de restaurações

- 2- 3,9-20

Sofonias usou o esquema dos pontes cardiais para chegar no centro de Jerusalém (3, 1-8)

- 1- A oeste ou ocidente : os Filisteus (2, 4-7) se fixaram a oeste de Judá e sempre foram seus tradicionas inimigos e opressores, e agrudados em cinco cidade.

- 2- A leste ou oriente : Moab e Amon (2, 8-11) embora parentes de Israel equanto descendentes de Ló (Conforme o Gênesis 9) é inimigo mesmo que seja família por causa da adoração de Deus Baal.
- 3- Ao Sul : Egito (2,12) o suposto Motivo do profeta , é que o Egito era o lugar da escravidão, uma parte dos cgefes era de tendencia Pró-egipcia.
- 4- Ao Norte : Assíria (2, 13-15) é a capital do Nínive, era o modelo do imperialismo agressor, que foi por muito tempo um poder dominador de Judá.

Conclusão

Sofonias um profeta clássico do Antigo Testamento, usando uma linguagem poética, poderosa e direta. Ele denunciava os pecados de Judá e das nações vizinhas, convocando o povo ao arrependimento, ele ressoa com grande força também em nossos dias. Onde vivemos em uma sociedade que enfrenta desafios muito semelhantes aos do tempo do profeta: indiferença religiosa, injustiça social, corrupção política e abandono dos valores éticos e espirituais. Sofonias nos provoca a refletir sobre o que significa esperar pelo “Dia do Senhor” e nos convida a voltar ao essencial: à humildade, à busca pela justiça, à prática do bem porque Deus não quer destruir, mas renovar. Há uma promessa de alegria, esperança e salvação para aqueles que permanecem fiéis.

Sofonias, com palavras duras e ternas, nos ensina que a verdadeira religião é aquela que transforma o coração e a vida em direção a Deus e ao próximo.

Bibliografia

- 1- KAEFER, Hans Ulrich. *Jerusalém no século VII a.C.: Arqueologia e Sociedade sob o Reinado de Manassés*. Jerusalém: Instituto de Arqueologia Bíblica, 2011.
- 2- SCHÖKEL, L. A.; DÍAZ, J. L. S. Profeta II. Edição de A. Alvarez. São Paulo: Paulinas, 1991.
- 3- Nova Bíblia Pastoral, São Paulo: Paulus, 2014.
- 4- Como Ler o Livro de Sofonias; A Esperança Vem dos Pobres. Editora Paulus 1992.
- 5- Comentário do livro do Profeta Sofonias; Procurai a Justiça e a Pobreza! Pedro Kramer: Editora Santuário 2013